

ASPECTOS QUALI-QUANTITATIVOS DO CONSUMO RECENTE DE ALGODÃO NO BRASIL

Marisa Zeferino Barbosa¹

Sebastião Nogueira Junior²

Por se tratar de um produto agrícola e, portanto, sujeito às adversidades climáticas, o algodão apresenta forte instabilidade de preços em comparação com outras fibras, sobretudo as artificiais (leia-se poliéster, em especial). Por esta razão, fibras concorrentes têm mostrado tendência crescente no *market-share* mundial. No Brasil, a fibra de algodão ainda representa 60% do mercado.

O mercado do produto é muito exigente em relação aos aspectos qualitativos da fibra, não devendo portanto o algodão ser tratado como um produto homogêneo. Assim, a qualidade tem grande influência na formação do preço (relação preço-qualidade). O comprimento da fibra é importante do ponto de vista econômico, já que funciona como determinante da resistência do fio, além de proporcionar tecidos mais finos³.

Assim, a demanda de algodão é influenciada pelas características da fibra, uma vez que seu valor, sua aceitação e procura pelo setor industrial dependem de sua qualidade tecnológica, o que significa a capacidade de atender os fins diversos a que se destina⁴.

A maioria das características da fibra está diretamente correlacionada com as propriedades físicas do fio, sendo seu conhecimento de grande importância para o melhoramento genético e atendimento das exigências industriais⁵.

A transformação da indústria têxtil, com

vistas ao aumento da produtividade e da qualidade do produto final, envolve o processo de modernização das fiações, com a implantação dos filatórios a rotor em substituição aos convencionais. Desse modo, o princípio da qualidade deverá refletir-se em todo complexo produtor de insumos, em especial na semente selecionada⁶. Neste contexto, salienta-se que o comprimento da fibra não será uma das características mais importantes nos novos princípios de fiação, e sim a finura e a resistência terão influência mais forte e direta⁷.

Para a classificação por tipo e comprimento comercial do algodão produzido no Brasil, de cada fardo são retiradas amostras e enviadas à Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), de São Paulo. Considerando-se limites de tolerância de diversas características como comprimento, grau de maturidade, teor de umidade, coloração, brilho, resistência e ausência de impurezas, o algodão é classificado nos tipos: 3, 3/4, 4/5, 5, 5/6, 6, 6/7, 7, 7/8, 8, 9 e abaixo do padrão. As características tecnológicas ou intrínsecas são determinadas em equipamentos de alto volume de análises, denominados High Volume Instruments (HVI), segundo: comprimento, uniformidade, resistência, finura, tenacidade, alongamento, refletância, índice de fiabilidade, coloração e teor de impurezas.

No período de 1997 a 2000, os volumes de algodão em pluma adquiridos pelas indústrias, através do registro de negócios na BM&F, representaram aproximadamente 67% do consumo brasileiro de algodão. Considerando-se os tipos comerciais, constatou-se que 81,8% dessas aquisições, em média, foram compostas pelos tipos 5, 5/6, 6 e 6/7, sendo o tipo 6 o mais demandado, representando 33,7% do total, entre

¹Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³NOGUEIRA JÚNIOR, S. Relação preço-qualidade e procura de algodão em pluma. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 28, t. 1/2, p. 81-106, 1981.

⁴GRIDI-PAPP, I. L. et al. **Manual do produtor de algodão**. São Paulo: BM&F, 1992.

⁵SANTANA, J. C. F. de; WANDERLEY, M. J. R.; BELTRÃO, N. E. de M. Tecnologia de fibra e do fio do algodão, análises e interpretações dos resultados. In: **ALGODÃO: informações técnicas**. Dourados: EMBRAPA-CPAO; Campina Grande: EMBRAPA-CNPA, 1998. 267 p. (EMBRAPA-CPAO. Circular Técnica, 7).

⁶BESSEN, G. M. V. et al. Competitividade e produtividade das algodoeiras e das fiações no sul-sudeste do Brasil. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 46, t. 1, p. 1-46, 1999.

⁷Idem nota 5.

1995⁸ e 2000⁹ (Figura 1).

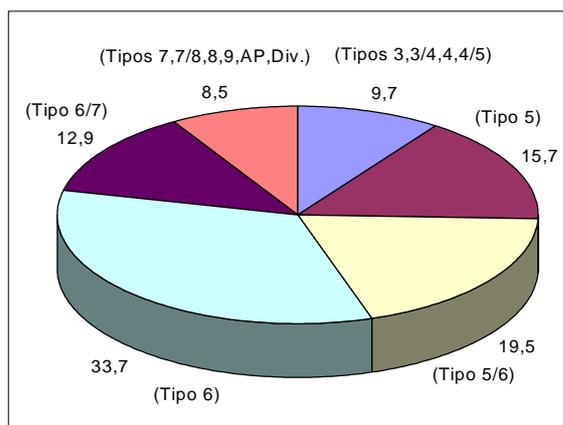


Figura 1 - Participação Percentual dos Tipos de Algodão em Pluma nas Compras Realizadas pelas Indústrias, através do Registro de Negócios na BM&F, Brasil, Média do Período 1995-2000¹.

¹Referem-se aos algodões produzidos na Zona Meridional do Brasil, importados e nacionalizados. Os tipos AP e Div. significam, respectivamente, abaixo do padrão e diversos.

Fonte: Elaborada a partir de dados de FERREIRA, I. C. **Séries históricas do algodão**. São Paulo: BM&F, 1996; FERREIRA, I. C. **Estatísticas dos mercados físico e futuro - algodão**. São Paulo: BM&F, 2000; Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F).

O perfil do consumo de algodão no Brasil, quanto à demanda regional dessa fibra, vem apresentando alterações, sobretudo nos últimos anos. Isso vem ocorrendo, principalmente, nas Regiões Sudeste, cuja participação relativa passou de 57,0% para 40,2% do total de algodão consumido no País, entre 1992 e 1999, e na Região Nordeste, que teve sua participação ampliada de 23,7% para 39,2% no mesmo período¹⁰. Ao longo desse período, enquanto o consumo de algodão na Região Sudeste sofreu redução de 4,2% ao ano, na Nordeste expandiu-se à taxa de 7,6% ao ano. Na Região Sul o consumo dessa fibra cresceu a 2,0% ao ano¹¹. Tal comportamento deu-se, sobretudo, em virtude de redução no consumo no Estado de São Paulo e da expan-

são no Ceará, onde a implantação de programas de concessão de benefícios como forma de atratividade para instalação de plantas industriais propiciou a expansão do setor têxtil, entre outros, ao longo dos últimos anos¹². Em 1999, o consumo paulista de algodão ainda liderou o *ranking* nacional, com 22,6%, seguido pelo cearense, com 20,5% do total brasileiro.

A expansão da cotonicultura na Região Centro-Oeste, particularmente no Mato Grosso, reduziu a dependência do País das importações para complementação da oferta, acarretando modificações na demanda regional da fibra. Considerando-se as compras de algodão em pluma realizadas pelas indústrias nos principais Estados consumidores, São Paulo e Ceará, via registro de negócios na BM&F, verifica-se que 74,3% do total adquirido pelas indústrias paulistas em 1995 era de algodão brasileiro, sendo o próprio Estado de São Paulo o principal fornecedor. No mesmo ano, a maior parcela (60,4%) das compras realizadas pelas indústrias cearenses era proveniente do exterior, sendo que da parcela nacional, o Paraná era o principal ofertante. Em 2000, o algodão nacional passou a representar 91,1% das aquisições das indústrias paulistas e 70,9% das cearenses, sendo que em ambos, o Mato Grosso foi o principal fornecedor. São Paulo, ainda o principal parque têxtil do país, teve sua produção de algodão drasticamente reduzida e hoje depende muito de fornecimento de outras regiões (Tabela 1).

O cenário que se apresenta, de progressivo aumento da produção nacional, coloca a partir de agora o Brasil novamente no rol de países exportadores, situação perdida há vários anos. A previsão de exportação para 2001 é de 120,0 mil toneladas de algodão em pluma, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), volume próximo ao registrado em 1991. Acrescente-se, ainda, que após longo período de ausência, o algodão brasileiro retornou a ser cotado na Bolsa de Liverpool, uma das principais do mundo, com a denominação de Tipo Mato Grosso.

A produtividade que vem sendo obtida deve ser melhorada ainda mais e a complexa questão qualitativa da fibra deve ser considerada para atender ao exigente mercado consumidor. A produção deve ser conduzida com critérios rígi-

⁸FERREIRA, I. C. **Séries históricas do algodão**. São Paulo: BM&F, 1996.

⁹FERREIRA, I. C. **Estatísticas dos mercados físico e futuro - algodão**. São Paulo: BM&F, 2000.

¹⁰ABIT. **Carta ABIT**. São Paulo, 2000.

¹¹A taxa geométrica média anual de crescimento foi obtida por equação de regressão da forma: $\ln y = \ln a + b \ln t$, sendo $\ln y$ o logaritmo natural da variável estudada; t a variável tendência; e a e b parâmetros da regressão. O R^2 da taxa geométrica média anual de crescimento é de 0,85 para o consumo de algodão na Região Sudeste, de 0,83 para a Região Nordeste e de 0,52 para a Região Sul.

¹²BARBOSA, M. Z. Algodão: aspectos da cultura no estado de São Paulo em 2000/01. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 12, p. 59-62, dez. 2000.

dos de sustentabilidade, pois áreas novas (no Centro-Oeste) ainda não sofreram ataques de pragas e doenças, comumente observados na cotonicultura.

TABELA 1 - Compras de Algodão em Pluma Realizadas pelas Indústrias, Através do Registro de Negócios na BM&F, Estados de São Paulo e Ceará, 1995 e 2000
(em tonelada)

Estado comprador/fornecedor	1995			Participação (%)	
	Nacional (a)	Importado (b)	Total (c)	(a)/(c)	(b)/(c)
	São Paulo	159.883	55.349	215.232	74,3
São Paulo	89.230	-	-	-	-
Ceará	38.911	59.342	98.253	39,6	60,4
Paraná	16.418	-	-	-	-
Estado comprador/fornecedor	2000			Participação (%)	
	Nacional (d)	Importado (e)	Total (f)	(d)/(f)	(e)/(f)
	São Paulo	169.678	16.486	186.164	91,1
Mato Grosso	90.029	-	-	-	-
Ceará	97.543	40.062	137.605	70,9	29,1
Mato Grosso	71.331	-	-	-	-

Fonte: Elaborada a partir de dados de FERREIRA, I. C. **Séries históricas do algodão**. São Paulo: BM&F, 1996; FERREIRA, I. C. **Estatísticas dos mercados físico e futuro - algodão**. São Paulo: BM&F, 2000; Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F).